



RESENHA: POLEGARZINHA

**O PIONEIRISMO DE SERRES: AS
RELAÇÕES DAS TECNOLOGIAS
DIGITAIS COM O ENSINO
CONTEMPORÂNEO**

Guilherme Pereira Cocato  

Mestre em Geografia, Universidade Estadual Paulista, Campus de
Presidente Prudente

Contato: guilhermecocato@gmail.com

Como citar: SERRES, M. Polegarzinha. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. Resenha de: COCATO, G. O pioneirismo de Serres: as relações das tecnologias digitais com o ensino contemporâneo. **Revista Formação (Online)**, v. 29, n. 54, p. R17-R22, 2022.

Recebido: 03/04/2021

Aceito: 23/11/2022

Data de publicação: 20/12/2022

SERRES, M. **Polegarzinha**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013

Polegarzinha é um livro de Michel Serres, filósofo francês falecido em 2019, autor de dezenas de obras, publicado no original em francês em 2013 e traduzido para o português no Brasil por Jorge Bastos. O livro aborda a era cotidiana da informação, em que todos estão conectados por meio de seus celulares e aparelhos eletrônicos, tendo todo o conhecimento acumulado pela humanidade na palma da mão instantaneamente, e como isto se relaciona com a prática do ensino-aprendizagem e sua necessidade de renovação, já que os centros educadores (básico e superior) não são mais os únicos detentores do conhecimento. Este se encontra disseminado aos quatro cantos, para quem quiser consultá-lo, a qualquer momento.

No livro Polegarzinha, o autor separa sua discussão em três grandes partes: Polegarzinha, Escola e Sociedade. Ao iniciar com a primeira parte, Polegarzinha, Serres irá ressaltar quem é este estudante cotidiano que frequenta as salas de aula do ensino básico e superior, que se modificou tanto, pois não tem mais contato com o meio rural em seu dia-a-dia e nem com os costumes que seus pais e avós estavam tão acostumados. Este atual estudante é da cidade, altamente populosa e diversificada. Grandes ideologias como família, pátria e moral já não fazem mais sentido para ele, e instituições e uniões que antes pareceriam eternas e sagradas se sucedem como folhas ao vento. O multiculturalismo bate a porta, proporcionando experiências em um curto espaço de tempo, que seus antepassados não experimentaram durante toda a vida.

Ao mesmo tempo em que o conhecimento não para de avançar, a mídia bombardeia com informações, propagandas e sensacionalismo, e o indivíduo cresce vendo de tudo, sabendo de tudo, sendo que nada mais o impressiona. O conhecimento dos mais diversos fatos está a disposição na internet, detalhados como em uma sala de aula. A língua se modifica constantemente com a ampliação do espaço habitado, que antes era diminuto e agora se encontra ilimitado.

Os sentimentos de pertencimento a algo ou à alguma região se desfizeram, assim como os laços sociais que antes imperavam. E os adultos não se atentaram em criar novos laços. Simplesmente se contentaram em criticar as novas tecnologias e o novo modo de vida, sem para ele sugerir novas concepções.

Neste momento, Serres nos faz três perguntas essenciais: O que transmitir, A quem transmitir e Como transmitir?

O conteúdo a ser transmitido, é claro, o saber. Saber este que antes se transmitia por via oral, quando tudo tinha que ser decorado, e depois por via escrita, o que facilitou muita coisa.

Hoje, tudo se encontra online e de fácil acesso. O que faz Serres resgatar uma frase pertinente: “Mais vale uma cabeça bem-constituída do que uma cabeça cheia”. Que vem de encontro com o fato de que todo o conhecimento atualmente já está acumulado e a disposição. Precisamos é de criatividade, inventividade e percepção acuradas para o aproveitamento inteligente desse conhecimento.

Atualmente, a geração mais velha que seria responsável pela transição na forma de ver, aprender e transmitir o conhecimento, como a classe de professores já em atuação, se afastou dessa tarefa, não proporcionando soluções e sim no máximo alguns curativos temporários. Dessa forma, continuou a existir um distanciamento, uma separação, entre o ensino em sala de aula, e o mundo fora de seus mundos. Dentro, permaneceram as mesmas diretrizes de séculos atrás, como se o professor fosse o único detentor e autoridade em termos de conhecimento, enquanto fora, tudo é instantâneo, instável e volátil, com o mesmo conhecimento a disposição, por meio de diferentes canais que chegam ao indivíduo. Os cientistas permaneceram atuando da mesma forma que sempre conheceram, dentro de sua zona de conforto, como se nada tivesse mudado.

Aqui entra a parte da Escola, onde não se percebe como as cabeças dos estudantes de agora não precisam mais armazenar o conhecimento, estando livres para se concentrarem em outras coisas. Criarem outras coisas. Trata-se de uma oportunidade, para que nossas mentes se tornem mais criativas, ao invés de simples locais de armazenamento de informações. A escrita e a leitura permanecem, só que com outra velocidade, bem mais rápidas, e por outros meios, informatizados. As maiores fontes de pesquisa se abrem a nossa frente, criando uma autonomia do saber nunca antes vista. Mas será que esse saber não necessita de um novo modelo de ensino, para ser melhor apreendido?

O modelo de ensino que ainda perdura está claramente ultrapassado. Sinal disso são as conversas que imperam em sala de aula. Conversas estas que também estão no ambiente de trabalho ou em qualquer conversa de adultos. As informações estão disponíveis de outra forma, então para que prestar atenção a horas de falatório intermináveis? Como chamar a atenção dos alunos, dentro deste contexto?

É necessário ofertar algo diferente, não só informações por informações. Conhecimento por conhecimento. A demanda não se interessa mais por isso. As crianças já não ficam quietas frente ao ato de recitar dados que elas mesmas já viram fora da escola. Viram e passaram por eles, rapidamente, mas talvez não entendessem as relações que tem com o seu cotidiano e suas experiências. O aluno já está acostumado a tomar a iniciativa e pesquisar em seu celular sobre tudo, e não mais consegue ficar quieta por horas e horas em uma carteira.

Talvez, algumas das soluções para os educadores sejam, além de relacionar o conhecimento com o mundo vivido do aluno, organizar os conteúdos, que dispersos e desconexos, muitas vezes parecem não fazer tanto sentido. Conceitos abstratos, se repassados por si só, não fazem sentido no mundo de hoje. É preciso uma correspondência real, algo que faça sentido para a vida do sujeito, que ele possa relacionar. Para isso, é necessário que se supere a organização tradicional e arbitrária dos centros de estudo. Carteiras e salas de aula militarmente arrumadas, não é permitido um pio sequer. Não é permitida qualquer reorganização. Áreas do saber devem ser separadas de acordo com suas classificações como ciências disso ou daquilo. Tudo isso são coisas a se pensar, e se possível, modificar.

Adentra-se na parte da Sociedade, onde indivíduo, Polegarzinha, também dá nota aos professores. Professores que são constantemente avaliados pela turma que ensina, e se consegue ou não a atenção destes, é um resultado dos seus métodos em sala de aula.

Deve-se ter em mente, que, ao sair da escola, nos encontramos hoje em trabalhos com falta de significado, falta de sentido. A criatividade é podada, e tudo o que fazemos durante um dia de trabalho é nos entediar. Sua opinião já não vale nada, e muitas vezes a tarefa a que está destinada não tem grande significado. Não só na escola, mas na sociedade como um todo, a individualidade, a subjetividade, é ignorada. Não valem de nada as experiências. Apenas abaixe a cabeça e obedeça. Somos tomados como serem sem inteligência e sem capacidade.

Nesse ponto, a Polegarzinha retruca aos mais velhos, experientes de outras gerações e outros modos de vida. Criticam a crescente individualidade e debocham das redes sociais, mas não reconhecem que suas instituições, suas maneiras de se relacionar morrem lentamente. Não existe mais a estabilidade de antigamente, da família, da sociedade. Só existem relações de elos fracos. E mesmo quando existiam, se cometiam atrocidades por elas. É seu argumento, da Polegarzinha, que talvez o contexto atual não seja de todo ruim. Mudanças são necessárias, mas também é necessário se adaptar a elas, e não ignorá-las como se não estivessem ali.

Grandes instituições ainda se apoiam no que Serres chama de presunção da incompetência, como se as pessoas não tivessem capacidade para nada, e tudo tivesse que ser mastigado para elas. Presunção da incompetência ou estratégia para dominar os ânimos e vontades da população? Também existe a presunção da competência, quando o indivíduo se considera conhecedor de algo porque leu na internet ou consultou alguma fonte, sem se aprofundar no assunto. São cuidados que se devem tomar, já que todas as informações estão livres e disponíveis para quem quiser fazer uso delas.

Muitos, conservadores, utilizam desculpas como essa do uso indevido da informação, da dificuldade de se lidar com a complexidade do mundo atual, para justificar a manutenção do

ensino e outros aspectos da vida em modelos antigos e já ultrapassados. Sim, a distribuição da informação e do conhecimento, a relação professor-aluno em sala de aula se torna cada vez mais complexa e ansiosa por transformações, e justamente por isso não podemos ignorar essa complexidade. É preciso mudar e encontrar novos caminhos, que a tecnologia permite, mas muitas vezes a burocracia e o conservadorismo não.

Polegarzinha é um apelido para todos os jovens e estudantes da nova geração, que cresceram nesse “novo mundo” tomado por códigos, siglas, novas palavras e diversos botões para apertar. Mas é tudo mais profundo que isso. É uma nova realidade e uma nova forma de vida que se abre para nossa sociedade, cheia de possibilidades e novos significados a serem explorados. Hoje, não somos mais rígidos, estáveis e imóveis. Bom, talvez alguns sim, os mais avessos às mudanças. Mas não devemos. Nossa sociedade atual é marcada pela volatilidade, instabilidade e fluidez. O coletivo é turbulento, ruidoso e multicultural e facetado. Temos contatos diferentes a cada dia, com coisas que nunca imaginaríamos. Resta para a educação se adaptar e aproveitar as novas chances, não parar no tempo.

Acredito que o autor nos mostra, por meio de sua escrita divertida e dinâmica, um cenário de extensas possibilidades para a educação se desenvolver dentro de um novo contexto de indivíduos e sociedade que ele caracteriza tão bem.

As formas de se chegar ao conhecimento mudaram, se ampliaram e se diversificaram. Hoje, é possível que qualquer pessoa, em qualquer lugar, tenha acesso a praticamente tudo. O papel do professor em frente a uma sala de aula, falando por horas e horas, recitando informações e dados já não faz mais sentido para estes indivíduos. Mas nem por isso, penso que o professor ou o ambiente educativo seja dispensável, não possua mais utilidade. Ao contrário. Creio que atualmente o professor é mais necessário do que nunca, mas de outra forma. Mais adaptado às novas tecnologias e à velocidade do mundo atual. Digamos que reinventado.

O que mudou foi que o conhecimento agora é de todos, a qualquer momento, ocupando o papel do professor como repassador deste conhecimento. Mas o professor é muito mais do que isso. Mais urgentemente do que antes, precisa-se relacionar toda essa abundância de informações com coisas e fenômenos que possuam significado para a vida das pessoas. Só assim, fará sentido. Os mundos vividos, as experiências de cada um, estão recheados de conhecimento científico. Falta relacioná-los, estabelecer uma ligação e uma interação. Percebê-los ocorrendo em diferentes escalas, e como nos afetam em nossa vida diária.

De nada adianta possuir as informações em mãos, se não sabemos como usá-las e para que são importantes. É preciso montar o quebra-cabeça, relacionar os conteúdos entre si e com o conhecimento cotidiano, respeitando a individualidade de cada um. Para isso, deve-se usar

também as novas tecnologias, e não as afastar. Fazem parte de nossa vida e possuem um potencial enorme. Conteúdos abstratos, distantes, passados em uma sala de aula arbitrária e sem troca de experiências, sem a participação de todos, nunca irão realmente significar algo para ninguém.

Acredito que estas sejam formas (ainda que simplistas e iniciais) para que a educação não se perca como prática insuficiente em meio às rápidas mudanças atuais. O conhecimento pode ser encontrado em tudo lugar, por todos, mas a construção relevante deste para a vida de cada um de nós deve ser ativa e interativa. Professores e alunos, em uma troca de experiências e conhecimento, em busca de uma consciência mais crítica para a nossa sociedade. Consciência essa tão almejada e tão necessária para que possamos agir efetivamente sobre o meio que nos cerca, não deixando que outros ajam por nós.